

## A ESTAÇÃO MESOLÍTICA DA AMIEIRA (SESIMBRA)\*

António Faustino de Carvalho<sup>1</sup> e João Luís Cardoso<sup>2</sup>

### 1 - INTRODUÇÃO

A localização da estação da Amieira, efectuada no decurso de prospecções arqueológicas na zona ocidental do concelho de Sesimbra, em Janeiro de 1989, deve-se ao Sr. João Pinhal; foi já objecto de uma publicação, tendo sido atribuída ao Neolítico Antigo (CARDOSO, 1992), na curta nota que dava conta da sua existência. Uma recente revisão dos mesmos materiais, com base em critérios mais recentes, veio alterar aquela classificação, sem prejuízo de, já naquela data, se terem identificado produções de cunho mesolítico, como o trapézio de Tévéc. Com efeito, o estudo aprofundado e exaustivo do conjunto lítico, agora pela primeira vez efectuado, permitiu atribuir a estação ao Mesolítico Final, conclusão de grande interesse, no quadro dos conhecimentos actuais sobre a ocupação mesolítica da orla costeira da Estremadura. Assim, considerou-se como plenamente justificada a re-publicação da estação da Amieira, no volume de Homenagem a O. da Veiga Ferreira, que, como é sabido, tanto se distinguiu no estudo do Mesolítico Final do território português.

### 2 - LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO NATURAL

Os materiais reunidos resultaram de minuciosa recolha superficial, realizada ao longo de sucessivas deslocações ao local, que permitiram delimitar uma área de cerca de 100 m por 300 m, situada no topo de uma colina arenosa, estendendo-se pela parte superior da encosta direita, voltada ao Sul, da ribeira da Amieira, a qual desagua a pouco mais de meio quilómetro, na praia do Moinho de Baixo. As coordenadas do ponto central da estação, já indicadas na primeira publicação, são as seguintes (Quadrícula Quilométrica Militar): M = 109,1; P = 169,7 (Fig. 1).

Do ponto de vista geomorfológico, a encosta onde se implanta a estação integra-se no conjunto de relevos suaves, definindo amplos vales, com vastas coberturas arenosas, orientados para o litoral adjacente, correspondendo a estação, pela dispersão pouco densa de materiais, a uma ocupação pouco marcada.

---

\* Desenhos de B. L. Ferreira.

<sup>1</sup> Professor Auxiliar da Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 Faro.

<sup>2</sup> Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

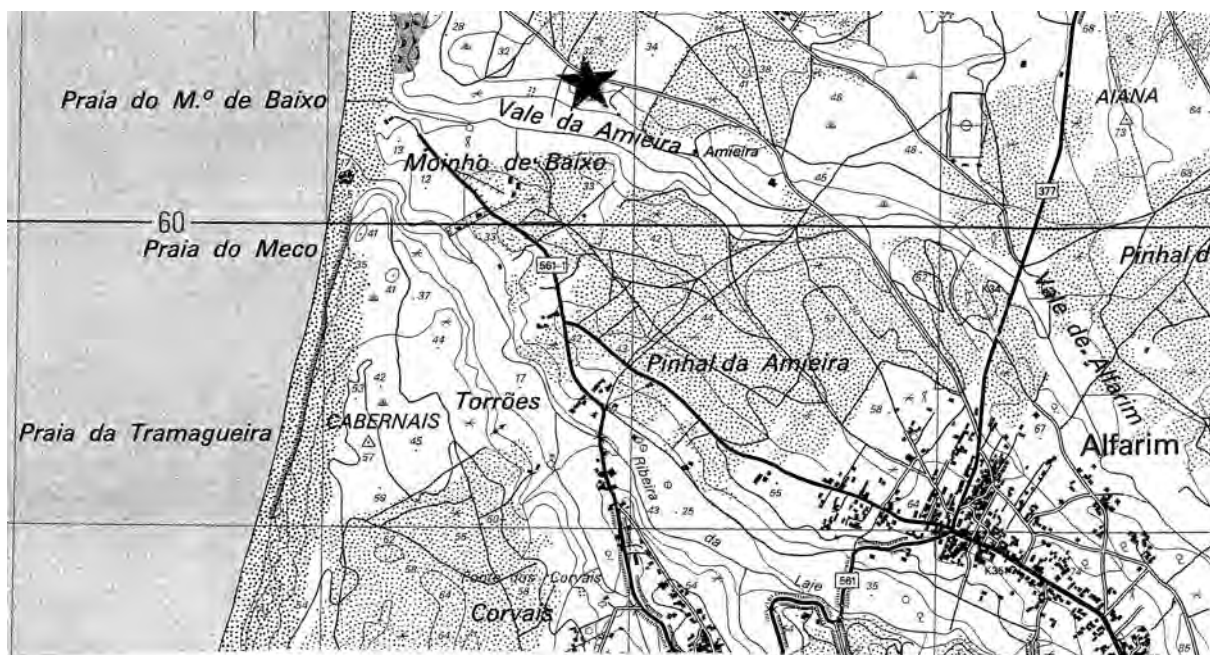


Fig. 1 – Localização da estação arqueológica da Amieira na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25.000.

### 3 – OS MATERIAIS

A esmagadora maioria do material recolhido pertence à categoria da pedra lascada. Com efeito, as únicas exceções são uma valva de ostra, alguns fragmentos de barro cozido – dos quais apenas uma parte pertencerá seguramente a paredes de vasos pré-históricos, cuja relevância para o conhecimento deste sítio arqueológico será abordada no capítulo de conclusão –, e um polidor fragmentado obtido sobre rocha areno-siltítica micácea de grão muito fino e cor acinzentada (Fig. 2, n.º 2).

A pedra lascada constitui, pois, a quase totalidade dos materiais recolhidos na Amieira. Além deste facto, salienta-se que o respectivo inventário, apresentado no Quadro 1, inclui numerosas peças de pequenas dimensões – tais como esquirolas ou lamelas – que testemunham terem as recolhas de superfície realizadas neste local sido cuidadosas e desprovidas de critérios de triagem apriorísticos. Por esta razão, o conjunto lítico assim reunido, apesar das limitações sempre inerentes a recolhas de superfície, pode ser considerado como minimamente representativo do talhe da pedra praticado no local pelos seus ocupantes pré-históricos.

Em termos de aprovisionamento e selecção das rochas submetidas a talhe, denota-se claramente um predomínio do sílex – rocha inexistente nas imediações do sítio arqueológico – com um total de 435 peças, o que equivale a 92% do total. A este predomínio adiciona-se a observação de que estão presentes todas as etapas das respectivas cadeias operatórias, desde a experimentação e talhe inicial de nódulos (representado por um exemplar) até ao abandono de utensílios retocados. Aceitando-a como representativa do registo arqueológico original da Amieira, a presente amostra de material em sílex parece indicar uma sobre-representação relativa dos grupos morfotécnicos correspondentes às etapas de desbaste inicial de nódulos / conformação de núcleos (o material residual perfaz 22,5% do total) e de debitagem (60,4%) das respectivas cadeias operatórias. Com efeito, se comparada com os valores homólogos obtidos em duas outras jazidas do Mesolítico e do Neolítico antigo classificadas pelos respectivos autores dos estudos como possíveis oficinas de talhe – Armação Nova (SOARES *et al.*, 2005/07) e Vale Santo

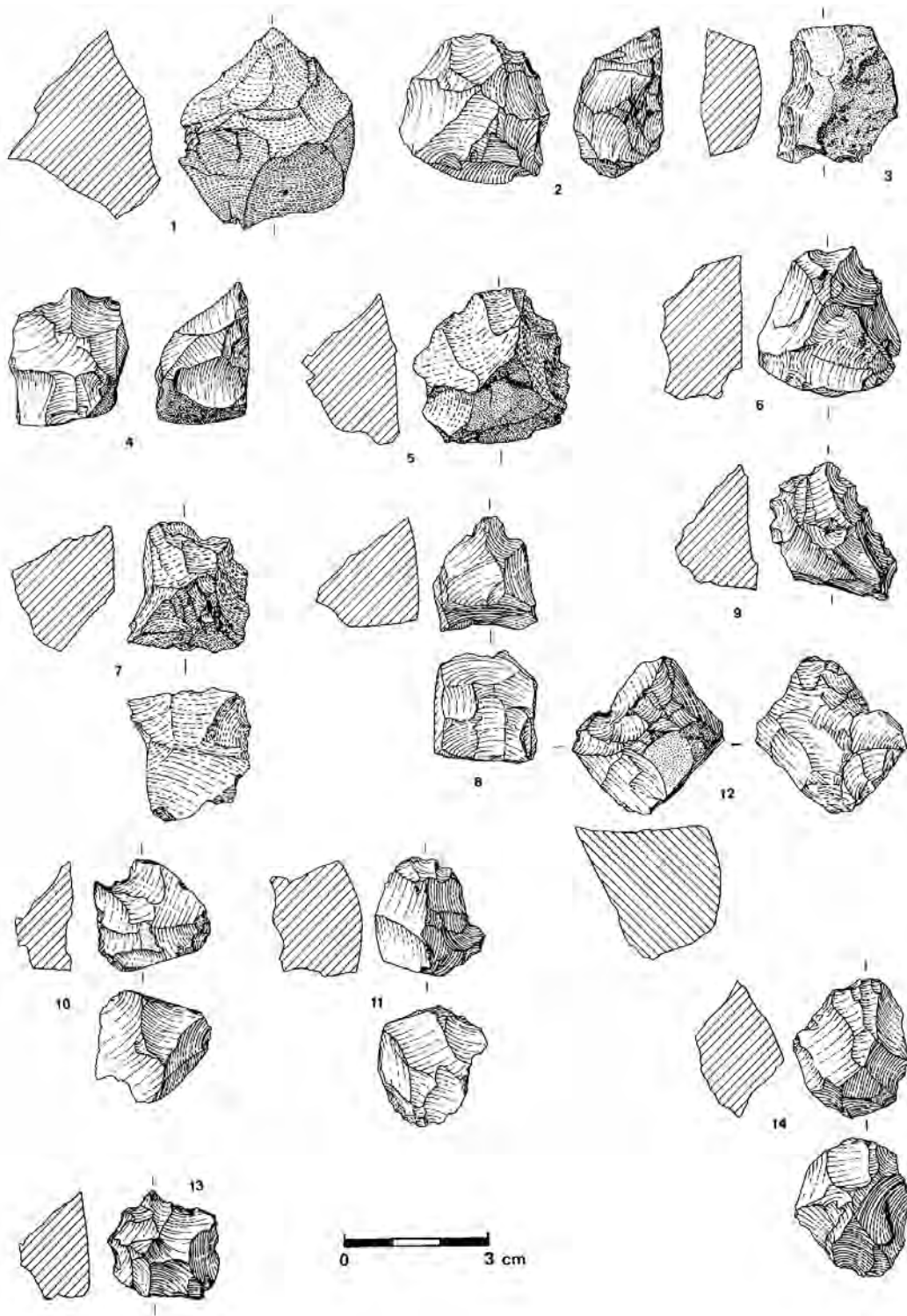


Fig. 2 – Núcleo irregular (n.º 1), núcleos prismáticos com uma plataforma (n.º 2, 4-7, 9 e 13), núcleos discóides (n.º 10, 14), núcleos poliédricos (n.º 8, 11, 12) e denticulado sobre lasca (n.º 3) – sílex e sílex calcarífero.

**Quadro 1.** Amieira: inventário do material em pedra lascada

	Sílex	Quartzito	Quartzito	TOTAIS
Material de debitação:				
Lascas corticais	22	1	1	24
Lascas parcialmente corticais	18	10		28
Lascas não corticais	196	16	7	219
Lamelas	27			27
Material residual:				
Fragmentos	64	1		65
Esquírolas	33			33
Microburis	1			1
Núcleos:				
Nódulos talhados	1			1
Sobre lasca	1			1
Discóides	3			3
Poliédricos	5			5
Irregulares	1			1
Prismáticos, para lascas	7			7
Prismáticos, para lamelas	1			1
Fragmentos de núcleos para lamelas	1			1
Material de reavivamento de núcleos:				
Tabletes	1			1
“Flancos” de núcleo	3 (a)			3
Utensílios retocados:				
Lascas com retoque marginal	26			26
Lascas com entalhes	12			12
Lascas denticuladas	1			1
Raspadeiras	1			1
Peças esquíroladas	1			1
Lamelas de retoque marginal	4			4
Lamelas de dorso	2			2
Micrólitos geométricos	3			3
Seixos talhados		1		1
<b>TOTAIS</b>	<b>435</b>	<b>29</b>	<b>8</b>	<b>472</b>

(a) Um dos quais retocado.

**Quadro 2.** Cadeias operatórias do sílex comparadas

	Material de debitagem	Materia residual	Núcleos	Material de reavivamento de núcleos	Utensílios retocados	TOTAIS
Amieira	263 (60,4%)	98 (22,5%)	21 (4,8%)	4 (0,9%)	50 (11,4%)	435 (100%)
Armação Nova (a)	45 (13,1%)	249 (72,5%)	21 (6,2%)	-	28 (8,2%)	343 (100%)
Vale Santo (b)	1042 (59,3%)	633 (35,9%)	34 (1,9%)	5 (0,3%)	45 (2,6%)	1759 (100%)

(a) Segundo Soares et al. (2005/07: Quadro V); apresenta-se a soma dos dois níveis de ocupação registados.

(b) Segundo Carvalho (2008: Quadro 94).



(CARVALHO, 2008), respectivamente, ambas localizadas na região da Costa Vicentina, em área de abundância de sílex –, pode concluir-se que a Amieira se integra *grosso modo* nesta categoria de sítios arqueológicos, tal como se pode observar no Quadro 2.

Deve notar-se, no entanto, que as oficinas de talhe de Armação Nova e Vale Santo parecem representar diferentes estratégias de exportação dos artefactos líticos ali produzidos (Quadro 2): no primeiro sítio, terão sido objecto de exportação preferencial material já debitado (isto é, suportes para utensílios, presumivelmente de morfologias lamelares), uma vez que esta categoria perfaz no local apenas 13,1% do total do material em sílex; no segundo sítio, terão sido exportados principalmente núcleos para debitação futura, perfazendo esta categoria no sítio apenas 1,9% do total. Na discussão destas questões, há três aspectos a ter em consideração no caso da Amieira: em primeiro lugar, a já referida ausência de jazidas de sílex na área imediata de captação de recursos deste sítio (CARDOSO, 1992); em segundo lugar, a semelhança de perfil entre a Amieira e Vale Santo no que respeita à representação das diversas etapas das cadeias operatórias do sílex; e, em terceiro lugar, o número relativamente elevado de utensílios retocados que a Amieira apresenta por oposição a Vale Santo (11,4% contra 2,6%).

Perante estes dados, é possível, em síntese, entender provisoriamente a ocupação mesolítica da Amieira como tendo sido vocacionada, em parte significativa das actividades que nela tiveram lugar, para as tarefas de talhe visando a exportação de núcleos pré-formatados, tendo os blocos de sílex sido transportados para o sítio em vista desta actividade, uma vez que não estão disponíveis localmente. Por seu lado, o número elevado de utensílios formais retocados indica a prática de outras actividades em simultâneo, o que é também corroborado pela presença do talhe de rochas locais (quartzo e quartzito). Embora a inexistência de outros elementos significativos no registo arqueológico (superficial) deste sítio seja um factor limitador, a presença de um presumível polidor indicará o trabalho de outras matérias-primas que não se conservaram, e a recolha de armaduras para encabamento em utensílios compostos indicará, por seu lado, práticas cinegéticas. Assim, em suma, o carácter fortemente oficial desta ocupação deve no entanto ser entendido como fazendo parte de um leque mais alargado de actividades, eventualmente relacionadas com as potencialidades ambientais da área de implantação do sítio arqueológico.

Merece referência um raspador afeiçoado em seixo de quartzito, por talhe imbricado, de técnica languedocense (Fig. 4, n.º 19). Esta peça ilustra a componente macrolítica da indústria, dominada pela micro-utensilagem, à semelhança do verificado em outros contextos mesolíticos. Entre estes, são de referir os exemplares idênticos ao agora estudado provenientes dos concheiros do Cabeço da Amoreira (ROCHE, 1951, Pl. I, n.º 1), e da Moita do Sebastião (ROCHE, 1960, Fig. 20, n.º 1).

No que respeita ao talhe do sílex, os núcleos estão representados sobretudo por peças de tipologias prismáticas de uma única plataforma e por núcleos poliédricos – designados inicialmente por “núcleos unipolares” e “núcleos bipolares”, respectivamente (CARDOSO, 1992) – explorados segundo cadeias operatórias que visaram a obtenção de lascas (Figs. 1 e 2). Todavia, as reduzidas dimensões médias destas peças e a inexistência nas mesmas de resíduos de córtex, são observações que permitem apoiar a dedução segundo a qual, pelo menos nalguns casos, estas peças tenham começado por produzir lamelas e só numa fase final da debitação das mesmas, antes do seu abandono, se tenham extraído lascas.

A componente lamelar (Fig. 3, n.º 1-10), por seu lado, é relativamente reduzida em termos numéricos, o que conduz a que se devam tomar com precaução quaisquer considerações tendentes à sua caracterização. Com efeito, trata-se de um conjunto formado apenas por 27 exemplares brutos e 6 retocados (não contabilizando os 3 micrólitos geométricos que implicaram uma transformação demasiado profunda dos suportes lamelares originais para a sua descrição morfológica completa). Assim, as lamelas brutas formam um conjunto com o seguinte padrão de fracturação:

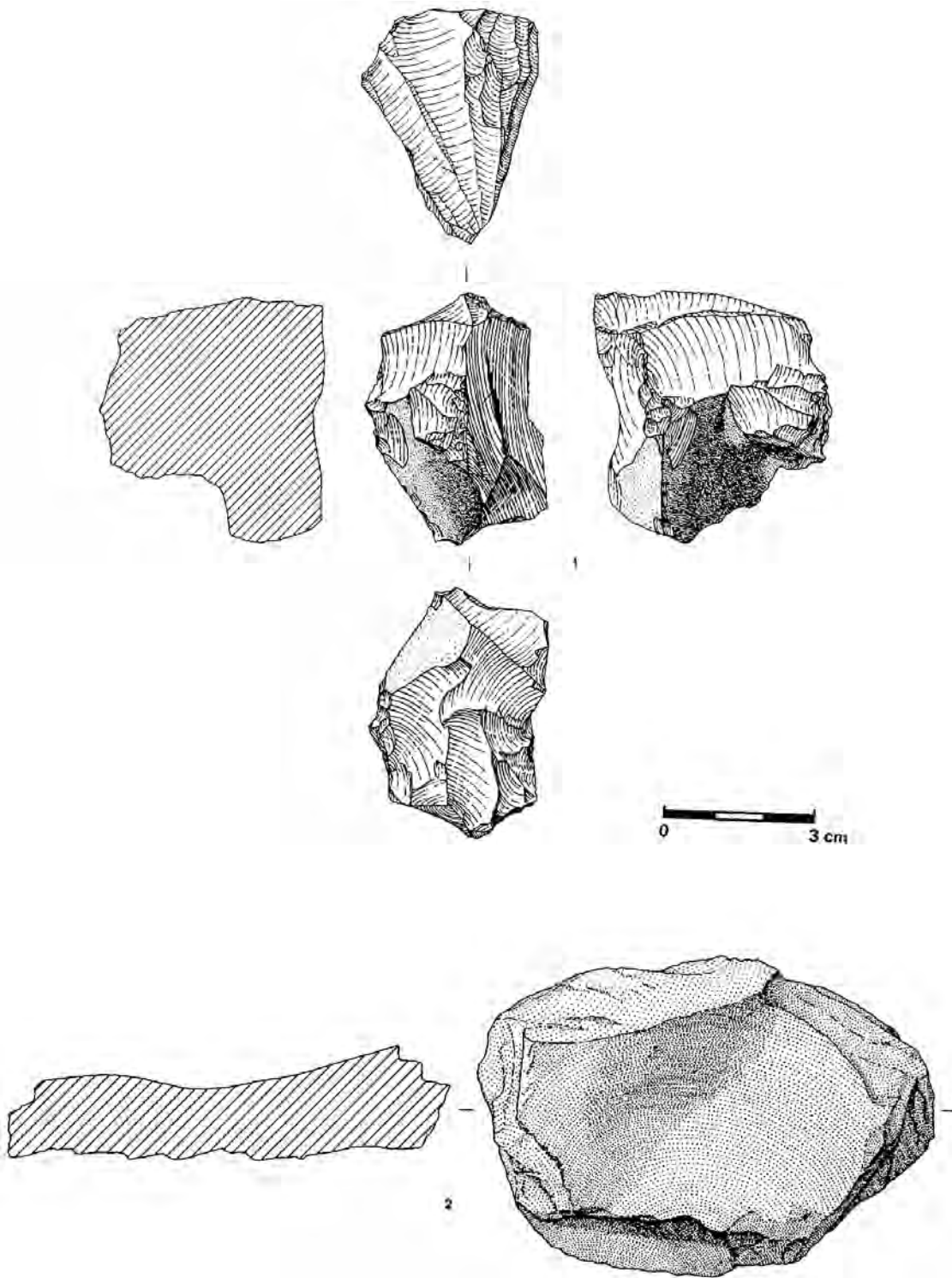
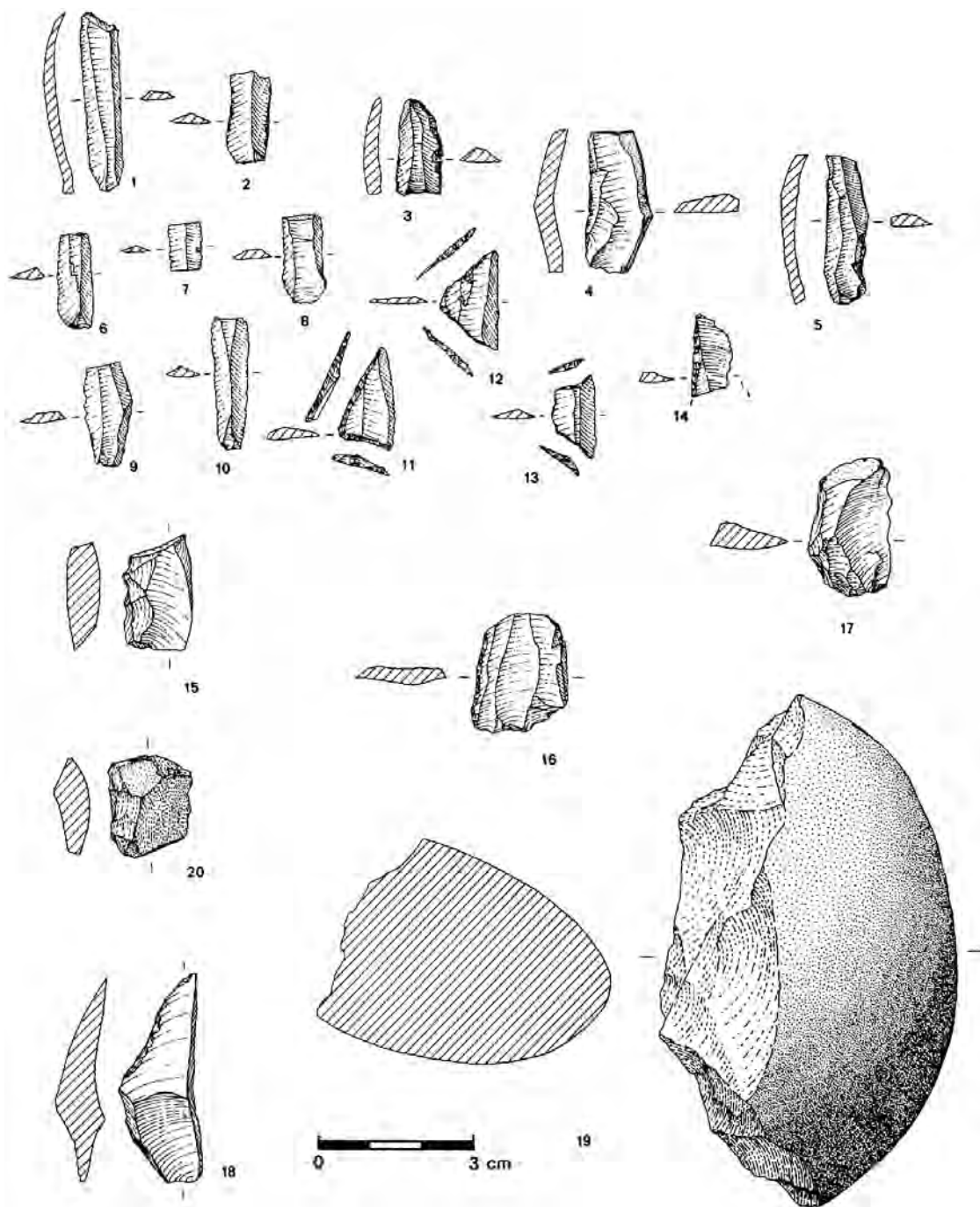


Fig. 3 – Núcleo poliédrico (n.º 1), de sílex, e fragmento de polidor em rocha areno-siltítica (n.º 2).



**Fig. 4** – Lamelas brutas e retocadas (n.º 1-10), “triângulo de Coincy” (n.º 11), triângulo isósceles (n.º 12), “trapézio de Téviac” (n.º 13), lamela de dorso (n.º 14), lascas retocadas (n.º 15, 17, 18, 20), “flanco” de núcleo prismático retocado (n.º 16), de sílex, e seixo de quartzito talhado como raspador (n.º 19).

- lamelas inteiras: 5 exemplares;
- lamelas proximais: 14 exemplares;
- lamelas mesiais: 2 exemplares;
- lamelas distais: 6 exemplares.

Apenas 5 peças permitem o cálculo dos respectivos comprimentos, os quais estão compreendidos entre 3,44 cm e 2,33 cm. As larguras da totalidade da componente lamelar apresentam uma média e desvio-padrão de 0,87 ± 0,16 cm, sem que haja qualquer exemplar que apresente um módulo de talhe laminar. Sem o conhecimento de paralelos na região, é difícil avaliar qual a origem destes padrões dimensionais: se resultam de limitações da própria morfologia e/ou dimensões dos nódulos das jazidas de sílex da região, se dos próprios processos técnicos de produção lamelar empregues pelos grupos do Mesolítico Final que frequentariam a Península de Setúbal. Uma recente síntese sobre este período permitiu concluir que os módulos das produções lamelares no actual território português se inserirão nos 0,6-0,9 cm de largura (CARVALHO, s.d.), o que parece ir mais ao encontro da segunda daquelas hipóteses.

Os talões das lamelas, sempre sem sinais de abrasão da cornija, são maioritariamente facetados, a variação dos tipos presentes, apresentada abaixo, indica também uma componente significativa de talões lisos:

- talões lisos: 5 exemplares;
- talões diedros: 2 exemplares;
- talões lineares: 2 exemplares;
- talões facetados: 9 exemplares;
- talões esmagados: 2 exemplares.

Embora sejam dificilmente quantificáveis devido à pequenez do conjunto, observações cursivas efectuadas sobre outros aspectos tecnológicos destas peças permitem levantar a hipótese preliminar de estarem presentes dois processos tecnologicamente distintos de produção de lamelas: um processo que deu origem a peças de bordos e nervuras irregulares e tendencialmente de menores dimensões; e um outro que deu origem a peças de morfologias mais regulares e módulos mais robustos. Apesar de não ser possível determinar a técnica de talhe utilizada no segundo destes processos técnicos, o exemplar figurado sob o n.º 5 da Fig. 3 evoca as morfologias típicas da debitagem por percussão indirecta.

A utensilagem retocada em sílex é maioritariamente sobre lasca. Como se pode observar na listagem indicada no Quadro 1, são predominantes as peças de tipologia mais simples (Fig. 3): lascas com retoques marginais e com entalhes. Os utensílios sobre suporte lamelar, em muito menor número, são compostos por lamelas com retoques marginais, lamelas de dorso e geométricas, estes últimos presumivelmente obtidos através da técnica do microburil (dada a presença de uma peça deste tipo no seio do conjunto). A referida componente geométrica, representada por três exemplares de diferentes tipologias, deve ser descrita com maior detalhe, visto constituir um dos aspectos que está na base da reclassificação da Amieira enquanto estação de época mesolítica:

- Triângulo isósceles (Fig. 3, n.º 12), de secção transversal trapezoidal, com retoque abrupto directo em ambas as truncaturas, sendo que no lado inferior é aproveitada uma fractura anterior, por flexão, do suporte original, tratando-se, portanto, de truncatura incompleta. Dimensões: 1,95 × 1,19 × 0,11 cm.
- “Trapézio de Tévec” (Fig. 3, n.º 13), de secção transversal trapezoidal, com retoque abrupto directo em ambas as truncaturas, que se apresentam côncavas, sustentando, desse modo e a par da morfologia assimétrica da peça, a tipologia específica proposta. Dimensões: 1,61 × 0,87 × 0,20 cm.



- “Triângulo de Coincy” (Fig. 3, n.º 11), de secção transversal trapezoidal, com retoque abrupto directo utilizado para a obtenção de uma truncatura no bordo esquerdo (o bordo oposto encontra-se em bruto) e de uma base côncava. Dimensões: 2,03 × 1,08 × 0,22 cm.

A última peça descrita merece um comentário adicional. Com efeito, embora tenho sido na primeira análise efectuada sobre esta colecção classificada, correctamente, como triângulo escaleno (CARDOSO, 1992), trata-se de um tipo raramente indicado nos inventários líticos do Mesolítico Final de Portugal, apesar de ter sido descrito há já quase quatro décadas pelo G.E.E.M. (1969, p. 360) nos seguintes termos: “[t]riangle dont la silhouette isocèle est due à l'égalité de la grande troncature et du troisième côté. La petite troncature est à retouches abruptes et ne présente pas de retouches inverses. La grande troncature est dans tous les cas rectiligne; la petite troncature peut être légèrement concave”. No actual território português foi até momento registada a presença deste tipo de armadura apenas na revisão recentemente levada a cabo dos materiais do Abrigo Grande das Bocas, em Rio Maior, onde se encontraram três exemplares deste tipo que haviam passado despercebidos enquanto tais nas análises anteriores (CARVALHO, 2008).

No que respeita ao material em quartzo e quartzito, trata-se de efectivos muito reduzidos, especialmente no primeiro caso, como se pode observar no inventário do Quadro 1. Contudo, podem tecer-se algumas considerações gerais acerca do talhe da última rocha. Com efeito, forma um conjunto que apresenta um talhe de muito boa factura, resultando em lascas delgadas e de grandes dimensões (cerca de 4-5 cm de comprimento), com talões por regra corticais. Este facto indica a exploração de seixos usando o córtex dos mesmos como planos de percussão, sendo depois debitados talvez seguindo o seu eixo de comprimento. As lascas assim obtidas terão sido utilizadas principalmente em bruto ou com retoques marginais, conformando deste modo utensílios de ocasião para utilização expedita. A apoiar a tese de uma utilização expedita destas rochas está ainda a recolha de um seixo afeiçoado como utensílio de tipo raspador (Fig. 3, n.º 19).

#### 4 - CONCLUSÕES

O estudo sistemático e exaustivo dos materiais recolhidos no sítio da Amieira, agora apresentado pela primeira vez, a par de alguns desenvolvimentos recentes no estudo das últimas comunidades de caçadores-recolectores do actual território português, permite a retoma e actualização de algumas das conclusões avançadas há mais de 15 anos (CARDOSO, 1992).

No respeitante à integração cultural, os novos dados agora reunidos autorizam que se atribua esta estação ao Mesolítico Final. No sentido desta conclusão apontam algumas presenças. Desde logo, a presença de elementos líticos comuns neste período, tais como módulos lamelares compatíveis com os conhecidos noutros locais da mesma época, sem o recurso aparente a talhe por pressão típico do Neolítico Antigo e um conjunto de geométricos produzido através da técnica do microburil que inclui um “trapézio de Téviac” e um “triângulo de Coincy”, que ocorrem em Portugal apenas durante o Mesolítico Final.

A recolha de alguns pequenos fragmentos de vasos de cerâmica fabricados manualmente indicará, muito provavelmente, uma reocupação do local em período posterior da Pré-História, seja sobre uma área muito circunscrita da ocupação mesolítica, seja numa área adjacente à mesma. A identificação de algumas lascas com aparente tratamento térmico (menos de uma dezena) pode correlacionar-se com essa reocupação ou pode dever-se a efeitos colaterais de fenómenos de calcinação também visíveis nalgumas peças.

Quanto à funcionalidade desta ocupação, a sua atribuição, já apresentada no trabalho anterior (CARDOSO, 1992), a uma oficina de talhe obteve plena confirmação nesta revisão da indústria lítica. Contudo, foi possível verificar

indícios indirectos de outras actividades cuja importância – eventualmente relacionada com a exploração de recursos disponíveis localmente – determinou o transporte para este sítio de sílex aprovisionado noutros sectores da Península de Setúbal, verosimilmente nas bancadas calcárias da Serra da Arrábida, onde são conhecidas jazidas desta rocha (ver, por exemplo, SILVA & SOARES, 1986).

No que se refere à exploração potencial dos recursos biológicos praticada pelos ocupantes mesolíticos da Amieira, os elementos conservados do registo material não permitem quaisquer considerações: a natureza ácida dos solos impediu a conservação de restos ósseos ou malacológicos, exceptuando uma valva de ostra, cuja cronologia deverá ser muito posterior à ocupação do sítio. Porém, a total ausência de restos de conchas, mesmo que muito partidas, leva à hipótese de não se tratar originalmente de um concheiro, apesar da proximidade do litoral e da lagoa de Albufeira, onde poderia ser facilmente obtida uma abundante base alimentar de moluscos. Aliás, é de referir a existência de restos de concheiros (ZBYSZEWSKI, 1965), assinalados perto da actual lagoa de Albufeira, situada a norte do local em apreço, os quais, a serem mesolíticos, não foram, no entanto, relocizados ulteriormente, apesar dos esforços efectuados nesse sentido (SERRÃO, 1994, p. 26).

A ocorrência de uma ocupação do Mesolítico Final, no litoral da Estremadura, merece ser devidamente registada e sublinhada. Com efeito, até época recente, não se conheciam ocorrências do período Atlântico na faixa litoral actual, ao contrário do verificado no Pré-Boreal e no Boreal (CARDOSO, 2004). De facto, só naquele ano foi publicado o núcleo C do concheiro de São Julião (Mafra), cuja cronologia, obtida por cinco determinações de radiocarbono, mostra a sua formação a partir do início do período Atlântico: a data mais antiga obtida,  $7270 \pm 90$  BP, corresponde ao intervalo calibrado, para cerca de 95% de probabilidade, de 6370-5930 cal BC, enquanto a data mais moderna,  $6820 \pm 100$  BP, corresponde o intervalo de 5890-5540 cal BC. (Soares, 2004). A ocupação do local, que ascende ao período Boreal, ter-se-á verificado intermitentemente e em áreas adjacentes, por cerca de um milhar de anos (núcleos A e B).

As duas espécies de moluscos mais abundantes – o mexilhão (*Mytilus* sp.) e o berbigão (*Cerastoderma edule*) – revelam a exploração de carácter misto, tanto do biótopo estuarino, como do ambiente francamente oceânico e do litoral rochoso; a presença residual de *Littorina littorea*, gastrópode de águas mais frias que as actuais, tem paralelo no registo do coberto vegetal. Com efeito, o estudo antracológico dos carvões recolhidos nas lareiras mostrou a presença vestigial do pinheiro-silvestre, relíquia da fase mais fria imediatamente anterior, já então quase totalmente substituído pelo pinheiro-bravo, que ocupava as áreas dunares, tal como hoje acontece. Situação análoga caracterizaria a região da Amieira, na mesma época.

Este resultado é de alta relevância por demonstrar a continuidade de exploração dos recursos marinhos, no litoral estremenho, até ao início do período Atlântico, ao mesmo tempo que decorria a exploração dos recursos estuarinos no Tejo e no Sado. O enquadramento do núcleo C do concheiro de São Julião, tendo presente os dois modelos principais disponíveis – mobilidade logística ou mobilidade residencial – aproxima-se claramente do primeiro; sendo assim, importa, no entanto, sublinhar que não se conhece na região qualquer acampamento-base, de cunho residencial, que lhe possa corresponder. Assim, é também lícito admitir um modelo intermédio, representado por pequenos grupos de alta mobilidade, baixo grau de permanência e elevada especialização funcional, aspectos que se verificam no sítio em causa. É provável que tão grande raridade de ocorrências similares se deva, em parte, à transgressão marinha flandriana, então em franca progressão, que poderá ter ocultado muitas estações (mas, sendo assim, não se compreende porque apenas estas não ocorrem, ao contrário das mais antigas).

Deste modo, a importância da estação da Amieira, decorre não só da sua simples existência, colmatando uma lacuna ainda quase absoluta, no tocante à ocupação mesolítica conhecida no referido trecho litoral – sendo a primeira publicada a sul do Tejo (CARDOSO, 1998, 1999, 2000, 2005) e a norte das conhecidas na costa vicentina, algumas das quais já atrás mencionadas – mas também, tratando-se de uma oficina de talhe, por evidenciar uma já assinalável complexidade nas modalidades de exploração dos recursos naturais, neste caso de carácter abiótico.

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J.L. (1992) – A jazida neolítica da Amieira (Sesimbra) (nota da sua identificação). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 2, p. 10-14.
- CARDOSO, J.L. (1998) – Arqueologia da região meridional da Península de Setúbal. Breve síntese baseada nos principais testemunhos arqueológicos. *Al-Madan*. Almada. II Série. 7, p. 23-36.
- CARDOSO, J. L. (1999) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 38-B (Setúbal)*. Arqueologia. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro, p.
- CARDOSO, J.L. (2000) – Na Arrábida, do Neolítico antigo ao Bronze final. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 14), p. 45-70.
- CARDOSO, J. L. (2004) – Comunidades humanas da Estremadura à costa vicentina, do pré-Boreal ao final do Atlântico: aspectos arqueológicos, económicos e paleoambientais. Evolução geohistórica do litoral português e fenómenos correlativos. *Geologia, História, Arqueologia e Climatologia*. In A. A. TAVARES; M. J. F. TAVARES & J. L. CARDOSO, eds. Lisboa: Universidade Aberta, p. 305-357.
- CARDOSO, J.L. (2005) – A Pré-História de entre Tejo e Sado. *Paleontologia e Arqueologia do Estuário do Tejo. Actas do I Seminário*. Montijo: Colibri / Câmara Municipal do Montijo, p. 11-42.
- CARVALHO, A.F. (2008) – *A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 12).
- CARVALHO, A.F. (s.d.) – O Mesolítico tardio em Portugal. In UTRILLA, P.; MONTES, L., dir. – *II reunión sobre Mesolítico de la cuenca del Ebro y Litoral Mediterráneo. El Mesolítico Geométrico: el desarrollo de las industrias líticas geométricas del VIII-VII milenio a.C.* Zaragoza: Universidad de Zaragoza (Salduie, 8); no prelo.
- G.E.E.M. [GROUPE D'ÉTUDE DE L'EPIPALÉOLITHIQUE-MÉSOLITHIQUE] (1969) – Epipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. 66, p. 355-366.
- ROCHE, J. (1951) – *L'industrie préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge)*. Porto : Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (Instituto para a Alta Cultura).
- ROCHE, J. (1960) – *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge-Portugal)*. Lisboa : Instituto de Alta Cultura.
- SERRÃO, E. da Cunha (1994) – *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- SILVA, C.T.; SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (Colecção Parques Naturais; 15).
- SOARES, A. M. Monge Soares (2004) –
- SOARES, J.; SILVA, C.T.; CANILHO, M.H. (2005/07) – Matérias-primas minerais e mobilidade logística no Mesolítico da Costa Sudoeste. Os sítios de Samouqueira I e Armação Nova. *Musa*. Setúbal. 2, p. 47-66.
- SOUSA, A. C., coord. (2004) – *São Julião. Núcleo C do concheiro pré-histórico*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra (*Cadernos de Arqueologia de Mafra*, 2).